

O ecólogo dos saberes: a contribuição de Sodré para o entendimento das Relações Públicas enquanto fazer comunicacional¹

Vinícius Lauriano FERREIRA²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

Resumo

As Relações Públicas (RP) atuam na administração da comunicação para organizações, em especial naquilo que tange a sua imagem e ação com públicos de interesse. O presente trabalho esboça um novo perfil das RP, com o objetivo de um aprofundamento de seu entendimento como subárea da comunicação e de uma atuação que ultrapasse a dinâmica tecnomercadológica. Tal propósito é empreendido através de pesquisa bibliográfica na obra de Muniz Sodré, com a hipótese de que a teoria da comunicação de Sodré apresenta conceitos úteis para uma práxis mais profunda de pesquisa e atuação das RP. Após uma exposição da teoria do autor e de autores de influência pioneira na área no Brasil, conclui-se com uma perspectiva das RP como “ecosofia” de saberes, investigadora e promotora da diversidade, do encontro e da historicidade.

Palavras-chave: Relações Públicas; *bios* midiático; teorias da comunicação; esfera pública.

Introdução

As Relações Públicas (RP) surgiram nos Estados Unidos da América no início do século XX, supostamente com o trabalho de Ivy Lee como assessor de imagem da Família Rockefeller. Desde então, a área se perpetuou como campo de atuação e pesquisa, atrelada à administração de iniciativas de comunicação de organizações em todos os setores sociais. Sua atuação confundiu-se com as áreas de *marketing* e vendas, administração de empresas, gestão de pessoal e advocacia e lobismo.

Este trabalho utilizou a matriz conceitual de comunicação proposta por Muniz Sodré (1942-) para esboçar um novo perfil das RP, com o objetivo de aprofundar seu entendimento como subárea da comunicação e de uma atuação que ultrapasse a dinâmica tecnomercadológica. A hipótese adotada sustenta que a teoria da comunicação de Sodré apresenta pontes com a subárea das RP, proporcionando conceitos para uma práxis mais completa e profunda de pesquisa e atuação.

¹ Trabalho apresentado na Sessão Temática Ensino, pesquisa e práticas de comunicação organizacional na sociedade de risco, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC/Unesp-Bauru), e-mail: vinicius.lauriano@unesp.br

1. Muniz Sodré e o comunicólogo como desvendamento do *bios* midiático

O pensamento comunicacional de Sodré é uma tentativa de estabelecer um “fio condutor de sentido para o campo comunicacional” (Silva, 2012, p. 115). O autor propõe uma retomada histórica e filosófica do contexto social no qual os processos midiáticos deixaram de ser apenas mais um elemento sógnico entre outros e passaram a ser o elemento simbólico por excelência, o “princípio organizativo total” (Sodré, 2014, p. 280).

O autor afirma que o aumento do poderio e eficácia das tecnologias de transporte, de comunicação e de informação geraram uma nova forma de vida em um “território feito de pura informação”, que se dá como “um parque tecnológico integrado e adequado aos regimes de visibilidade pública e de representação do capital em sua fase globalista” (Sodré, 2003, p. 310). Esta nova forma de vida é nomeada pelo autor como *bios* virtual ou midiático, uma hipertrofia da capacidade humana de troca e de simbolização.

Uma das consequências deste cenário é a estetização da realidade. O *medium* publicitário e a performance tecnonarcisística ocupam lugares cada vez mais privilegiados na vida comum, transformando a linguagem esteticista da performance em modo corrente de construção e percepção das relações sociais (Sodré, 2002, p. 40). Tal processo se dá na somatória do “princípio vazio da troca mercantil” (Sodré, 2002, p. 191) com o “*logos* técnico, isto é, a racionalidade que emerge do próprio universal instrumental das máquinas” (Sodré, 2014, p. 154). É nesse contexto sensorial e subjetivista que o *bios* midiático navega, e a reflexão e pesquisa em comunicação possui o arcabouço necessário para compreender melhor as nuances desta realidade.

O comunicólogo seria o pensador dos processos envolvendo o *bios* midiático, em um caminho assentado na cognição, cujo objetivo seria observar e sistematizar as práticas de veiculação e as estratégias de vinculação, realizando sobre elas uma “atividade crítica, [...] voltada para a sociabilidade, a eticidade e as práticas de socialização pela cultura” (Sodré, 2002, p. 235). em busca de retirar possibilidades de práxis nas várias vertentes em que ele se manifesta.

2. O paradigma tradicional das Relações Públicas e a hibridização tecnomercadológica

As obras teóricas de RP aqui apresentadas ainda são paradigmáticas, em especial quando se pensa a área enquanto técnica e no mercado de trabalho. As RP compartilham com o restante da área da comunicação a característica de ter sido feita primeiro como técnica, para depois ser observada como área de investigação, conforme já apontado por Sodré (2014, p. 119).

Andrade (2003, p. 20-21) definia assim a atuação das RP: “cabe às Relações Públicas a importante tarefa da formação de públicos junto às empresas ou instituições, levantando as controvérsias, fornecendo todas as informações e facilitando a discussão [...]”. Uma característica dessa visão é a própria razão da relação entre essas partes, que seria a própria organização: “Estão na abrangência da esfera de Relações Públicas os grupos que possivelmente tenham ou venham a ter curiosidade ou inquietação com uma empresa específica.” (Fortes, 2003, p. 18).

A lógica de atuação das RP se dá em consonância com aquilo que Sodré (2002, p. 237) define como “turbocapitalismo”, ou seja, a nova fase da sociedade do século XX, onde os valores imateriais e de fetiche das mercadorias ganham exponencialmente mais valor do que os processos produtivos. Parece-nos clara o posicionamento da profissão de RP como *administrador* dos “consensos” de uma sociedade pautada pela visibilidade (Prado, 2020), na qual “o ser imagístico do homem erige-se como valor moral” (Sodré, 2002, p. 70).

O objetivo principal da profissão, portanto, é instrumental, e o que se busca é um cenário estático, pois a meta é uma previsibilidade da organização frente aos desafios que tais públicos possam trazer à sua gestão e atuação, auxiliando “a alta direção a fazer a leitura de cenários e das ameaças e das oportunidades presentes na dinâmica do ambiente global [...]” (Kunsch, 2006, p. 133). A ferramenta principal a ser utilizada é a informação entre as organizações e os públicos, em “programas de comunicação utilizados para desenvolver e manter os relacionamentos com os públicos e para administrar conflitos com eles” (Grunig, 2003, p. 82).

Tal processo de potencialização da informação como elã das relações intersubjetivas poderia ser visto como um auxílio à autonomia e racionalidade humanas, e a troca efetiva de informações instigariam “atitude e reflexão nas pessoas tendo como direcionamento gerar sentido e compartilhar conhecimento” (Marchiori, 2008, p. 28). Sodré (2002, p. 77) nota a esse aspecto, porém, que “por trás desta aparência [...] se encontra o poder do valor econômico como lei estrutural de organização do mundo, portanto o capital, abstrato e intocável [...]”. Em suma, os autores citados apontam para a indissociabilidade da teoria tradicional de RP e uma compreensão da realidade contemporânea a partir de um viés da “hibridização tecnomercadológica” (Sodré, 2002, p. 63), cuja fórmula moral é, ao final, comprar e vender.

3. As Relações Públicas como ecosofia dialética dos saberes

Buscamos vislumbrar neste último trecho do trabalho perspectivas – dentro do quadro referencial de Sodré – que extraiam as RP dos enredos da racionalidade mercantil, em vista de um aumento de sua eficácia no cenário sociosimb lico contemporâneo. Um primeiro aspecto é a centralidade que Sodré ainda concede ao espaço público, *locus* de semiose coletiva e “de acolhimento do conflito social” (Sodré, 2002, p. 39). Ao se designar as RP como voltadas a questões públicas, estamos nos referindo a este ambiente no qual todas as organizações sociais fazem seus contributos e são impactadas pelas suas transformações. O espaço público é o habitat das RP, enquanto teia comunicacional complexa e com consequências perceptíveis.

O autor também sublinha que tal constituição das medidas de valor que organizam o comum se d  através de luta, em um “equ brio provisório entre forças variáveis que ameaçam constantemente a sua pretensa invariância ou fixidez” (Sodré, 2014, p. 277). Portanto, tratar as RP como “formadores” de públicos   desprezar o terreno pantanoso e volátil no qual estas relações sociais se d o, um cenário permeado de oposições latentes e dominado pela diferença, tratando-se de um contrassenso qualquer busca em domestic -lo, domin -lo ou organizá-lo.

Emerge desta reflexão um questionamento  tico das RP, indagando se elas seriam capazes de colaborar com “um novo tipo de esfera pública” (Sodré, 2002, p. 218), diante de um *ethos* contemporâneo dominado pelo *bios* midiático, que desconsidera o Outro, tendo como valor referencial somente a *lex mercatoria*.   possível imaginar a área como uma das formas de resposta à trama simbólica dialética que ocorre na esfera pública, enquanto subárea eminentemente comunicacional, que tendo como material de análise o “plano das relações sociais imediatamente visíveis”, é capaz de produzir “uma plataforma interpretativa” para as relações da vida social (Sodré, 2014, p. 164).

Reconhecemos, portanto, a possibilidade de compreender as RP como área capaz de assumir o papel de intérprete e cultivador dessa “ecologia de saberes”, que emerge de um mundo da vida dotado de “sistemas aut nomos de valores” e de uma “pluralidade de linguagens”, regidos pela “tecnociência” e em constante tensão entre os “coletivos de cidadania” e os “sistemas tecnoburocr ticos” (Sodré, 2014, p. 137-138). As RP se prontificariam a ser ator nesta “ecologia cognitiva” proposta por Sodré (2014, p. 180), “capaz de fazer o cruzamento dos diferentes eixos do saber tecno-científico com os valores humanos”, em uma espécie de “ecosofia” (ou filosofia pública).

Reflexões finais

A hipótese desta pesquisa culminou na construção de um quadro-resumo de uma teoria das RP como uma “ecosofia de saberes”. Buscou-se aprofundar o papel “autoeducativo” da sociedade que pode ser potencializado pelas RP, não como condutora ou tutora de públicos, mas como intérprete e potencializador da esfera pública onde se desenvolvem as relações discursivas da sociedade (Sodré, 2014, p. 165). A área das RP pode tornar-se, então, um dos produtores de “discurso sobre discurso” (Sodré, 2003, p. 308), um analista realmente aprofundado da complexa dinâmica que se instaurou na sociedade do *bios* virtual e sua plêiade discursiva e cacofônica, capaz de fomentar a diversidade, o encontro e a historicidade que formam o tecido do comum.

Referências

ANDRADE, Cândido T. S. **Curso de Relações Públicas**: Relações com os diferentes públicos. 6. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

FORTES, Waldyr G. **Relações Públicas**: processo, funções, tecnologia e estratégias. 3. ed. São Paulo: Summus, 2003.

GRUNIG, James E. A função das relações públicas na administração e sua contribuição para a efetividade organizacional e societal. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 24, n. 39, 1. sem 2003. p. 67-92.

KUNSCH, Margarida M. K. Planejamento e gestão estratégica de relações públicas nas organizações contemporâneas. **Anàlisi**. Barcelona, v. 34, 2006. p. 125-139.

MARCHIORI, Marlene R. **Cultura e comunicação organizacional**: um olhar estratégico sobre a organização. 2. ed. São Caetano: Difusão Editora, 2008.

PRADO, Elisa (org.) **Gestão de reputação**: riscos, crise e imagem corporativa. São Paulo: ABERJE Editorial, 2020.

SILVA, Gislene. Pode o conceito reformulado de *bios* midiático conciliar mediações e midiaticização? In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (orgs.) **Mediação & Midiaticização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 107-122.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. Ciência e método em Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata V. (org.) **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 305-311.